



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DE MULHERES NO SETOR JUDICIÁRIO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA

Cristina Silva dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: cristinasantos@uesb.edu.br

Rita Maria Radl-Philpp
Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha
Endereço eletrônico: ritam.radl@usc.es

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX as discussões relacionadas com o gênero e com o processo de exclusão social das massas menos favorecidas têm feito parte das temáticas no meio acadêmico. É notória a contribuição das produções acadêmicas tem desempenhado na sociedade, mas ainda notamos que precisamos de muito mais para transpor as barreiras da exclusão social.

Diante desse processo de legitimação e visibilidade das mulheres questionamos qual o discurso presente nas narrativas de mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho em profissões reconhecidas historicamente como profissões imperiais exercidas por homens? Assim, estabelecemos como objetivo geral analisar as memórias das identidades presentes nas narrativas das mulheres e o discurso da relação de gênero entre masculino e feminino no mercado de trabalho.

Salientamos que este trabalho faz parte de uma investigação maior desenvolvida em nossa tese de doutorado, no programa de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, intitulado de “Memórias de mulheres inseridas no mercado de trabalho na sociedade brasileira: mulheres em postos de responsabilidade judiciária na Bahia”.

De acordo com as pesquisas desenvolvidas por Bruschini (2007), a expansão da escolaridade superior das mulheres brasileiras tem contribuído como um diferencial para inserção da mulher no mercado de trabalho. Consideramos que as escolhas profissionais são consolidadas de acordo com as escolhas das áreas e cursos superiores, materializando no mercado de trabalho. Percebemos que essas transformações contribuíram para a



redução da discriminação entre homens e mulheres, bem como uma aproximação na equalização das taxas da população economicamente ativa.

Coelho (1999) ressalta que essas áreas de prestígios ficaram conhecidas como profissões imperiais o que contribuiu para produção de práticas monopolísticas masculinas no decorrer da construção histórico-social do Brasil.

A partir da década de 1950, as mulheres passaram a ser mais presentes nos cursos superiores, principalmente nos cursos de direito, evidenciando situações imprevistas para a situação da mulher no mercado de trabalho. Para Vargas (2010), apesar do curso de Direito está passando por um processo de massificação, desde a década de 1970, ainda não perdeu seu caráter de um curso de elevado prestígio e hierarquizado, devido a fatores culturais como o status de doutor, concursado público e estabilidade social.

METODOLOGIA

Em nossa abordagem qualitativa apresentamos, sucintamente, quem são essas mulheres, suas percepções em relação aos espaços, tempos e aos contextos históricos presentes nos escritos oficiais, bem como suas aspirações e ideais que não foram reconhecidos nas histórias registradas e oficializadas por homens.

Quanto ao procedimento metodológico optamos pela História Vida, pois proporcionamos ao nosso *corpus* recordar seu tempo passado, consolidando suas identidades e suas consciências individuais e coletivas. Para Queiroz (1988, p.21), a história de vida “seria o relato do informe sobre sua experiência, através do qual ele tenta reconstruir os acontecimentos que vivenciou, ao longo do tempo”.

Assim, este trabalho foi realizado na comarca baiana do município de Vitória da Conquista, Bahia. Para garantir o sigilo das identidades das entrevistadas, optamos em apresentá-las nomeadas por pedras preciosas. Pérola, 67 anos, divorciada, 5 filhos, graduada em Direito e Sociologia; Turquesa, 60 anos, solteira, sem filhos, formada em Letras e Direito; Safira, 38 anos, em uma união estável, 1 filha, formada em Direito, com Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais; Ametista, 37 anos, casada, 1 filha, formada em Direito e mestre em Saúde Pública e Esmeralda, 28 anos, união estável, sem filhos e graduada em Direito. A partir da escolha do *corpus* da pesquisa, elencamos as técnicas para coleta de dados: as entrevistas e o diário de campo da pesquisadora.



RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Evidentemente, ao analisarmos cada personagem de nossas histórias de vida, identificamos com as aproximações e distanciamentos sobre suas memórias de identidade de gênero. Segundo Bruschini (1994), muitas de nós mulheres, ainda carregamos valores de outras gerações que foram atualizados em nosso comportamento. As tradições, os valores, os papéis sociais contribuem na formação de um comportamento patriarcal – a dona do lar, esposa e mãe. Aqui apresentamos o primeiro modelo de identidade de gênero baseada na orientação familiar. Nela está presente o cuidado com o outro, as relações de afetividade, a orientação doméstica e a submissão ao gênero masculino.

Para Callegari (2000), as mulheres querem desprender do lar para vivenciar novas experiências e desafios. Centramos, neste aspecto, o nosso segundo modelo de identidade de gênero, ancorado na orientação profissional, que prioriza e o exercício laboral, o empoderamento e a independência social e econômica.

Porém, aquelas mulheres que optam por construir uma família, acabam gerando tendências, também, pautadas na valorização do núcleo familiar por meio de suas emoções e afetividade (CALLEGARI, 2000). Localizamos aqui, o nosso terceiro modelo de identidade de gênero, buscando a conciliação das identidades numa vertente familiar e profissional, sendo um dos grandes desafios para essas mulheres conciliar as funções familiares, afetivas e profissionais.

Com base nos modelos, percebemos que as nossas pedras preciosas – Ametista, Esmeralda, Pérola, Safira e Turquesa – transitam nessas identidades, forjando assim estereótipos do seu gênero.

Em relação à **Ametista**, percebemos sua preocupação em ser inserida no mercado de trabalho como profissional liberal da área da advocacia. Após ter atuado durante 12 anos em funções do setor público, em cargos comissionados, optou por estruturar seu escritório de advocacia, o qual possui outras sócias. Em relação ao afazeres domésticos, a nossa fonte deixou clara a dificuldade encontrada em virtude de sua formação primária de família, apresentando como uma das suas principais características o perfeccionismo. Sendo assim, tem o cuidado de administrar todas as atividades e cuidados com os filhos, casa e marido. Desta forma, elegemos a identidade de gênero com orientação familiar



predominante em sua formação enquanto sujeito social. Percebemos sua ansiedade ao relatar o estresse diário para conciliar à carreira e as atividades voltadas para o lar, sendo predominante a família.

Esmeralda, apesar de ser originária de uma família tradicional, possui concepções distanciadas de sua mãe. Em relação aos aspectos familiares, tem um companheiro há 6 anos, uma relação estável, sem nenhum interesse, por sua parte, de oficializar o casamento mediante uma cerimônia religiosa. Outro aspecto de seu perfil é não nutrir desejo de ser mãe, distanciando-se do determinismo biológico reservado as mulheres. Suas maiores aspirações estão centradas em suas atividades laborais, apresentando seu desejo de concluir sua especialização e engajar em um mestrado. Em nossa concepção, a identidade de gênero predominante no perfil de Esmeralda está sob a vertente da orientação profissional, que busca a igualdade de condições e direitos de trabalho, bem como o empoderamento e a independência social e econômica.

Pérola transitou pelos dois modelos de identidade de gênero: familiar e profissional. Oriunda de uma família abastarda e patriarcal, teve uma criação rígida. Com o primeiro namorado casou-se, vivendo juntos durante 30 anos. Viveu sob forte domínio de opressão, em virtude do amor que nutria por seus filhos. Após 27 anos de casada, conseguiu seu primeiro emprego como voluntária na delegacia de mulheres. Depois de 2 anos, foi contratada pela corregedoria do estado. Nesse processo de empoderamento, percebemos que sua identidade de gênero esteve orientada para o aspecto profissional.

Safira, com o seu companheiro, vive uma relação de partilha dos afazeres domésticos, funções conhecidas dentro da tradição patriarcal como femininas. Além de ser sócia em um escritório de advocacia, é funcionária pública de uma instituição de ensino superior. Sua área de concentração é direito penal. Percebemos na formação de identidade de gênero uma dupla orientação: familiar e profissional.

Turquesa dedicou-se ao longo de sua vida a sua carreira profissional. Mediante seus esforços, foi aprovada em um concurso público de uma instituição de ensino superior, na qual chegou a exercer cargo de chefia com procurada jurídica. Atualmente desenvolve um projeto nesta instituição, dando respaldo aos funcionários que foram abusados moral e fisicamente. Diante do quadro descrito, afirmamos que em seu perfil prevalece a identidade de gênero centralizada na orientação profissional.



CONCLUSÃO

Salientamos que, apesar das conquistas da mulher no mercado de trabalho e na formação superior em profissões, predominantemente, masculinas, elas ainda assumem inúmeras tarefas domésticas. Ao longo do texto incorporamos uma análise sobre a temática da construção da identidade de homens e mulheres como num processo dinâmico e relacional pautada nas interações dos sujeitos no contexto social.

Percebemos, em suma, que o processo de construção das identidades pode ser apreendidos e aceitos, dependendo de como o indivíduo processará, de suas vivências e experiências interativas e intersubjetivas. Tão como afirma a concepção teórica interacionista sobre o processo de construção das identidades. A construção das identidades de gênero é um processo reflexivo interativo e intersubjetivo, no qual o sujeito transforma e constrói ativamente seus papéis sociais em função do gênero.

Afirmamos ainda que a construção da identidade passa por uma dimensão individual e coletiva, sendo ambas produto dos processos de socialização. Assim, somos produtos das experiências, das vivências e das articulações realizadas na sociedade, construídas a partir das demandas sociopolíticas, culturais e históricas, um processo constante de mudanças e adaptações dos papéis, regras e normas alimentadas pela tradição cultural, mas os próprios sujeitos são os protagonistas sociais ativos desse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade de Gênero; Mercado de Trabalho; Histórias de Vida.

REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes. In.:

SAFFIOTI, Heleieth I. B.; UMNOZ-VARGAS, Monica. **Mulher Brasileira é assim**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rosa dos Tempos, 1994, p.63-94.

CALLEGARI, Anna Irma. A mulher no trabalho: realização – mal-estar. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

COELHO, E. **As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro: 1822-1930**. Rio de Janeiro: Record, 1999.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

QUEIROZ, Rosane Pereira de. Relatos orais: do —indizível ao —dizível. In.:
SINSON, Olga de Moraes Von (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália –
Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 01-26.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO